

FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO
JOSÉ ANTÔNIO DE OLIVEIRA ALMEIDA
PROF.: ROGÉRIO MIRANDA DE ALMEIDA

TEORIA DO BELO NO BANQUETE DE PLATÃO

CURITIBA

2018

INTRODUÇÃO

Venho por meio deste trabalho apresentar uma breve teoria do belo, de modo mais específico no diálogo platônico *O banquete*. Em meio a tantos outros assuntos os quais poderiam ser trabalhados, o belo me despertou grande interesse, pois é algo que, por cada um ser dotado de gostos diferentes gera grandes conflitos do que seria uma coisa bela. Além de que a beleza se apresenta como uma preocupação cotidiana, o ideal de elegância do homem e da mulher se pode verificar também como adjetivo de Deus no mundo e no cosmos.

Nos dias atuais, vemos uma sociedade que tem muitos critérios para que algo seja dito belo, tais critérios se subdividem ao passo que é definido por outra sociedade, algo que é um padrão de beleza para um, pode mudar totalmente para outro. Em meio a tantos conceitos, encontrar uma resposta “concreta” do que seria então o belo fica quase que impossível.

Este trabalho se divide em dois capítulos, no primeiro trabalharemos o que o belo de uma forma geral, segundo Nicola Abbagnano em seu dicionário de filosofia, o qual descreve o belo segundo alguns filósofos e como ele passou a ser noção de objeto estético, pois antes se dizia que o belo não poderia ser produzido. E trata das diferentes formas de manifestação do belo, como na teoria do belo como manifestação do bem, a doutrina do belo como manifestação da verdade, doutrina do belo como simetria, doutrina do belo como perfeição, para finalizar o primeiro capítulo a doutrina do belo como acabamento da expressão.

No segundo capítulo, trabalharemos a problemática do belo por base no *Banquete de Platão*, o qual separa o mundo das ideias, no caso o mundo em que vivemos, do mundo sensível no qual segundo ele as coisas se apresentam como verdadeiramente são, ou seja a coisa é aquilo que ela é, e contemplamos tudo na sua essência. Ele busca em seu diálogo nos apresentar o belo em sua essência livre de conceitos.

I. O BELO NO CONCEITO EM GERAL

Se por meio de uma pesquisa popular fosse perguntado o que é o belo, iria se ouvir muitas respostas, voltadas principalmente ao belo representado fisicamente, por meio de objetos, a beleza do corpo, já outros poderiam se referir ao belo dando exemplo de uma boa música, uma bela paisagem, uma boa comida, enfim por diversas formas as quais causariam prazer aos nossos sentidos.

Segundo Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de filosofia ¹, por muito tempo o conceito de belo, não era utilizado para objetos físicos é que poderiam ser produzidos, somente no século XVIII, que se passou a entender o belo como uma noção de bom gosto, até então o belo era empregado somente ao abstrato como o bem, a verdade, simetria, perfeição e acabamento de uma expressão.

O belo pelo conceito de manifestação do bem é a teoria platônica do belo, a qual diz que existe um mundo das essências, separado do mundo sensível, as qual as coisas se manifestam, se apresentam em sua forma mais pura. O mundo sensível o qual vivemos seria formado então por resquícios do mundo das essências, seria ele composto por coisas passageiras e mutáveis.

O neoplatonismo (escola filosofia alexandrina), interpreta o platonismo com um caráter mais teológico e místico, Plotino seu principal representante reúne o bem e as essências ideais que Platão falava, tudo em um Uno, ou seja, em Deus, e o Uno e Deus são ditos como o bem. Conforme Abbagnano², Plotino diz que é o bem que concede a beleza a todas as coisas, de modo que o bem é a beleza em sua pura forma, o bem que cria todas as coisas. Mas toda essa mística ou teológica consegue envolver o belo como manifestação do bem, mas é explícito de que se usa do bem para criar o belo, algo que seja perfeito.

Na doutrina do belo como manifestação da verdade, o belo se apresenta como a Ideia, ou seja, como a coisa realmente é, sua verdadeira identidade. Então beleza e verdade são uma só coisa, o que as diferencia é que enquanto a verdade é algo mais objetivo e vem do universal, o belo tem sua manifestação sensível.

¹ In N. Abbagnano, *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, art.: Belo.

² Cf. *IBID*, pag. 101.

Diferente de Platão, Aristóteles tratou o belo a partir da realidade sensível, deixou o abstrato e partiu para algo que fosse mais concreto. Então o belo se torna realidade e se materializa, podendo então a beleza evoluir, não ser eterna, e sofrer mudanças. Aqui temos então a doutrina do belo como simetria, ligando o pensamento de perfeição às medidas e proporções.

O belo associado a perfeição sensível deu origem a estética, que de um lado tem a representação sensível perfeita e no outro o prazer que acompanha essa atividade sensível. O que na verdade se quer e determinar os aspectos do prazer sensível, que possam fazer que ele seja belo.

Kant³ porém fez destas duas definições complementares apresenta acima, em uma só, para ele a beleza seria algo coletivo e sem formulação. O prazer do belo seria independente de qualquer interesse, seja ele sensível ou racional. Todos temos gostos diferentes, sentimos prazer por aquilo que nos agrada de forma pessoal. Aos animais irracionais também são dotados em sentir prazer, mas a beleza somente aos racionais é permitida apreciar.

Por final chegamos ao belo como acabamento da expressão, a belo pode muitas vezes pode estar na arte, ali ele atua como forma de acabamento, podendo ela expressar uma a beleza. Vejamos por seguinte a teoria do belo, especificamente tratado no dialogo platônico *O banquete*.

³ In N. Abbagnano, *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, art.: Belo.

II. TEORIA DO BELO NO BANQUETE DE PLATÃO

Dentre os vários assuntos abordado no banquete de Platão está o belo⁴, segundo Platão, quem ama deseja aquilo que é belo e nunca o que é feio, esse desejo consiste naquilo que não se tem. O amor necessita, deseja aquilo que tem beleza, porque ele não a possui, e tal amor se manifesta ao querer possuir o que é belo. Ao dizer que o amor é belo ao mesmo tempo expomos o desejo pelas coisas belas.

Platão trata a problemática do belo com um meio termo, segundo ele, aquilo que não é Belo, necessariamente não é feio, o mesmo ocorre entre conhecimento e ignorância. Existe entre tudo um meio-termo, pois em questão o conhecimento, que saber seria esse se não houvesse uma razão que guiasse a ele, existe uma busca de uma opinião, a ignorância nos faz ir em busca do conhecimento, ela nos induz a novos conhecimentos. Portanto o que não tem beleza, não é totalmente feio, também o que é mau, pode nele existir traços de bondade, na concepção de um amor que não for bom e belo, não e ele totalmente mau e feio, mas tendo um equilíbrio, um meio-termo entre estes opostos.

Para que alcançarmos a felicidade, não se dá somente pela obtenção de coisas boas, possuir aquilo que contém beleza também faz parte, que para que possamos gozar da felicidade. Aquele que ama vê em seu amando uma profunda beleza o amor a causa uma “cegueira” que o deixa incapaz de ver as imperfeições do amado, admiração essa lhe é causada pelo amor, o ser amável para o seu amante é belo, perfeito e digno de felicidade, quem ama algo belo tem o desejo de o possuir, e para o obter seu ser amado, deixa de lado as imperfeições, fixando-se somente na beleza.

É natural do ser humano a reprodução, a gestante sente bem ao estar ao lado de coisas belas, no intuito de que tal beleza possa ser transmitida para seu filho, por vez que ao ir de encontro com o feio se esquiva, se esconde aflita. Segundo Platão, durante o parto é atribuído ao ser mortal um fato divino e imortal, no caso a alma, enquanto a fealdade destrói o que é divino, pelo fato de que a pessoa não ser dotada de beleza física irá criar um conflito entre o corpo e a alma, causando tristeza e destruindo a alma, já beleza ao contrário da fealdade realiza a harmonia, causando a pessoa um “sentir-se bem consigo mesmo”. Na procriação a beleza e

⁴ Cf. PLATÃO, *Diálogos, Banquete*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1957, p. 72-79.

comparada as deusas do destino, ela quem decidia o destino dos humanos, alguém dotado de beleza logo poderia dizer que teria um futuro brilhante, daria a pessoa uma espécie de “status”, ao contrário de quem não a possuía.

Também Platão revela que, muitos procuram uma beleza em um só corpo⁵. O que é encontrado de belo em um ser, não da mesma forma, mas pode ser encontrado em outro, deve se buscar uma beleza universal. Ao compreender que o Belo se apresenta de diversas maneiras nos corpos, a pessoa se torna um apaixonado pela beleza do corpo, e passa à compreender, mas para isso tem que se desapegar do conceito do que é beleza, instituída pelas características de um só ser, mas olhando de um modo geral. Além da beleza física, e importante ver a beleza da alma, pôr vezes a beleza não está visível no que é físico do ser, porém tem uma boa alma, bom caráter, vem ao caso desviar o olhar ao que é físico, e concentrar e procurar a beleza em suas atitudes e no seu caráter, dando pouco valor a formosura do corpo.

Platão então separa o que chama ele o mundo sensível o qual habitamos, do mundo das ideias (essências) onde o belo é algo invariável, não visto somente em braços, rostos, ou outras partes do corpo, ele pode se apresentar de diversas maneiras, e em diversos seres, o belo é ele em si próprio, sem variação, não nascer, não morre, sempre em mesma quantidade, considerando todas as belezas existentes como uma só, não sendo algo que é belo a um respeito e ao mesmo tempo feia a outro.

No livro *O tratado do belo*⁶ do escritor e filósofo Evaldo Pauli, coloca em questão o que poderia existir na beleza que tanto nos atrai, e as colinas que tanto nos seduz quando tocadas pelo pôr do sol, que também que haveria nas flores que tanto aguçam nossos sentidos. É tudo a pura manifestação do belo, o qual não nos deixaria tão maravilhados sem não fosse ele transcendente a experiencia sensível, indo além do vemos, sentimos e tocamos, causando aquilo que poderíamos chamar de inexplicável.

⁵ Cf. PLATÃO, *Diálogos, Banquete*. Tradução, Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1957, p. 82-84.

⁶ Cf. PAULI. Evaldo, *O tratado do belo*. Florianópolis: Biblioteca Superior de Cultura, 1963, p.7

CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que o conceito do que é o belo, é algo muito ambíguo, pois parte de muitas opiniões diferentes entre si, ou seja, o que é belo para uma pessoa, pode não ser para outra.

Como vimos no primeiro capítulo, o belo também está muito ligado ao que é abstrato, não ligado somente a objetos físicos, materializados, mas também a coisas tipo o bem, a verdade. Pode ser encontrado em uma música, uma paisagem, uma boa comida, de forma resumida o belo é aquilo que nos causa gozo quando contemplado.

No amor a desejo pelo belo, se ama somente aquilo que é dotado de beleza, ou seja, aquele que ama enxerga no objeto amado profunda beleza. No mundo sensível contemplamos o belo em sua verdadeira forma, na sua essência, no qual ele é imutável, não nasce, não morre, é aquilo que realmente, apresenta uma beleza da completude, e não é uma beleza que simplesmente imita a natureza. O belo se afasta da interferência e da atuação do juízo humano, ou seja, o homem tem uma participação passiva no que se relaciona ao conceito de belo, não está sobre sua tarefa o julgamento do é ou não é belo.

REFERÊNCIAS

NICOLA. Abbagnano, *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

PLATÃO, *Diálogos, Banquete*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1957.

PAULI. Evaldo, *O tratado do belo*. Florianópolis: Biblioteca Superior de Cultura, 1963,